

Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

2 a 9 de dezembro de 2022 | www.abbc.org.br



Dinâmica fiscal e inflação prospectiva

Na semana passada, como esperado, o Copom manteve a taxa meta Selic em 13,75% a.a.. A atualização do seu cenário de referência que elevou em 0,2 p.p. as projeções de inflação de 2022 para 6,0%, em 0,2 p.p. de 2023 para 5,0% e em 0,1 p.p. para 3,0% para 2024, não foi suficiente para alterar a trajetória da Selic. No que tange ao futuro da política fiscal, o Copom ratificou que estará atento aos efeitos das variações nos preços de ativos, nas expectativas de inflação e na demanda sobre a dinâmica da inflação prospectiva. Por fim, enfatizou que a política monetária poderá ser ajustada, sem hesitar em retomar o ciclo de ajuste caso o processo de desinflação não transcorra como o esperado. Arrefecendo em relação à alta de 0,59% em out/22 e abaixo das expectativas de um aumento de 0,54%, o IPCA avançou 0,41% em novembro. A taxa acumulada em 12 meses desacelerou de 6,47% a.a. em out/22 para 5,90% a.a., com algum alívio nas medidas de núcleo e no índice de difusão. Com isso, a mediana da projeção para a inflação para 2022 no Boletim Focus recuou -0,13 p.p. para 5,79%, enquanto as estimativas para 2023 e 2024 mantiveram-se, respectivamente, em 5,08% e 3,50%. Em consonância com o indicador internacional de commodities que subiu 0,9% na margem, o IC-Br do Banco Central - que acompanha os preços em reais - subiu 1,3%, interrompendo uma sequência de 5 quedas consecutivas. Os dados do comércio de outubro exibiram uma desaceleração, com a expansão anualizada no varejo restrito saindo de 2,6% a.a. em out/21 para 0,1% a.a. e de 5,8% a.a. para -1,0% no ampliado. Com esse cenário, a projeção do crescimento para 2023 no Focus manteve-se em apenas 0,75%. Em consonância com seus pares, o real perdeu força na semana, de forma que o dólar encerrou a semana cotado a R\$ 5,25, o que representou uma depreciação de 0,53% no período. Porém, o fluxo cambial tem se mostrado positivo, com um saldo acumulado no ano de US\$ 22,0 bilhões. Em um cenário de perda de dinamismo na economia, a preocupação fica com a elevada percepção de endividamento e o aumento do percentual de famílias que se declararam sem condições de pagar suas dívidas apontados pela PEIC da CNC, principalmente com a retirada no ano de R\$ -109,5 bilhões na caderneta de poupança. Pelo seu potencial impacto na aversão ao risco dos mercados, a decisão de política monetária do FED e os números da inflação ao consumidor nos EUA nessa semana são de extrema importância. Localmente, é fundamental monitorar as informações do Relatório de Inflação do Banco Central, os dados do setor de serviços e o comportamento do IBC-Br.

Expectativas

Inflação – Mediana das projeções

	IPCA (%)		
	Mediana - agregado		
	09/12/2022	Ult. Semana	Há 4 semanas
dez/22	0,62	0,64	0,65
jan/23	0,55	0,55	0,54
fev/23	0,65	0,65	0,63
2022	5,79	5,92	5,82
2023	5,08	5,08	4,94
2024	3,50	3,50	3,50

Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Ajustando-se ao resultado do IPCA de novembro inferior ao esperado, a mediana da projeção para a inflação para 2022 no Boletim Focus recuou -0,13 p.p. para 5,79%. No curto prazo, as previsões para dezembro diminuiram em -0,02 p.p. para 0,62% e as para janeiro e fevereiro permaneceram, respectivamente, em 0,55% e 0,65%. Sem alterações, as estimativas para os anos de 2023 e 2024 continuaram, respectivamente, em 5,08% e 3,50%. Para 2025, a perspectiva subiu em 0,02 p.p. para 3,00%. Observando-se a amostra que contempla as instituições que realizaram alterações nos últimos 5 dias úteis, as expectativas de inflação para 2022 reduziram significativamente de 5,94% para 5,67%, enquanto as de 2023 saíram de 5,11% para 5,05%. Sem alterações, espera-se que a atividade econômica cresça 3,05% em 2022, com redução para 0,75% em 2023. Oscilando em -0,01 p.p., a projeção para a expansão do PIB de 2024 ficou em 1,70%, enquanto a para 2025 continuou em 2,0%. Ainda no Focus, a trajetória para a meta Selic apontou uma taxa de 11,75% a.a. ao término de 2023, refletindo 4 cortes de 0,50 p.p. na taxa a partir de ago/23. O ciclo de flexibilização se estenderia no decorrer de 2024, terminando o ano em 8,50% a.a.. Para 2025, a taxa manteve-se em 8,00% a.a.. A mediana das previsões para a taxa de câmbio para 2022 e 2023 continuou em R\$ 5,25/US\$. Com alta de 0,19%, a estimativa para 2024 ficou em R\$/US\$ 5,24. Já a para 2025 aumentou em 0,38% para R\$/US\$ 5,23. No âmbito fiscal, alguns indicadores continuaram apontando deterioração para os próximos anos. A projeção para o resultado primário manteve-se em 1,29% do PIB em 2022, oscilando de -0,90% do PIB para -0,95% para 2023, de -0,50% do PIB para -0,60% para 2024 e de -0,40% do PIB para -0,45% para 2025. Por fim, espera-se que o resultado nominal fique em -5,50% do PIB em 2022 contra -5,51% na edição anterior, em -8,70% do PIB para 2023 ante -8,52%, com as projeções permanecendo em -6,50% do PIB para 2024. Para 2025, a projeção para o resultado nominal variou de -5,50% do PIB para -5,90%.

Aversão ao Risco

Bolsas Internacionais

Bolsas	09/12/2022	Variação		
		Semana	Mês	12 meses
Bovespa	107.520	-3,9%	-5,3%	1,2%
Nasdaq	11.005	-4,0%	6,3%	-29,1%
S&P	3.934	-3,4%	5,0%	-15,7%
Dow Jones	33.476	-2,8%	3,0%	-6,4%
Nikkei 225	27.901	0,4%	0,7%	-2,9%
Xangai	3.207	1,6%	5,2%	-12,7%

A despeito de manifestações de membros do *Federal Reserve* (Fed), na semana anterior, apontando uma desaceleração no ritmo de alta dos *Fed Funds* predominou os temores de uma recessão nos EUA. Com isso, o rendimento das *T-Notes* com vencimento em 10 anos reverteu a queda verificada no início da semana, encerrando com uma alta na semana de 0,06 p.p. para 3,57% a.a.. Em menor intensidade, o retorno da de 2 anos subiu 0,05 p.p. para 4,33% a.a.. Dessa forma, o *spread* entre as duas taxas permaneceu em campo negativo (-0,76 p.p.), reforçando os temores de uma recessão. Em linha, os indicadores das bolsas nos EUA fecharam a semana com quedas de -4,0% na Nasdaq, de -3,4% na S&P e de -2,8% na Dow Jones. Por outro lado, as bolsas asiáticas terminaram a semana com alta de 0,4% na Nikkei 225 e, favorecido pelas flexibilizações na política de Covid-19 na China, o índice Xangai subiu 1,6%.

T-Note 10 anos (% a.a.)



Impactados pelas incertezas quanto ao desenvolvimento futuro da política fiscal, o Ibovespa encerrou a semana com retração de -3,9% e o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, subiu 3,8 bps. para 239,8 bps..

Contudo, apesar das flexibilizações, o efeito do risco de uma queda abrupta na demanda por petróleo nos EUA, por causa de uma eventual recessão, sobrepunhou nas negociações da *commodity*, com isso a cotação do barril encerrou em US\$ 76,10, o que representou contrações de -11,1% na semana e de -2,2% no ano

Petróleo

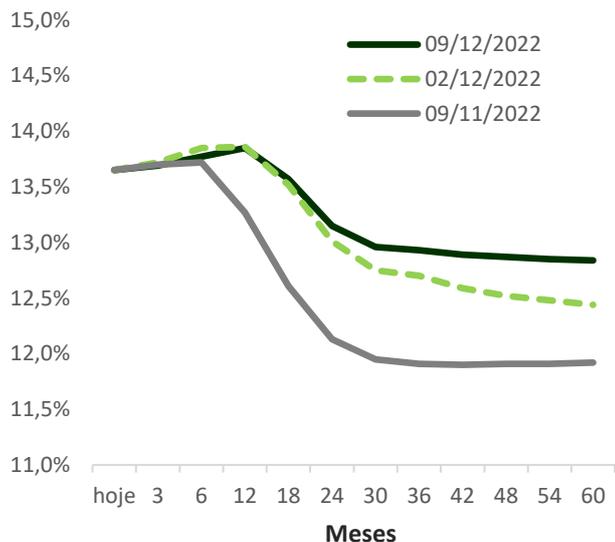
Brent última cotação US\$



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

Estrutura a Termo das Taxas de Juros (% a.a.)



Em relação à semana anterior, houve aumento na inclinação da curva de juros do futuro, com as quedas nas taxas dos vértices mais curtos e as altas nos mais longos. O IPCA de novembro abaixo do esperado e o alívio nas medidas de núcleo e difusão, o que em tese poderia abrir espaço para o Banco Central começar a cortar a taxa de juros, reduziram os prêmios nos prazos mais curtos. Já a ponta longa sofreu maior influência dos juros internacionais e das incertezas fiscais. Com isso, observaram-se retrações de -0,03 p.p. no vértice de 3 meses, de -0,08 p.p. no de 6 meses e de -0,01 p.p. no de 1 ano. Por outro lado, verificaram-se altas de 0,14 p.p. no vértice de 2 anos, de 0,23 p.p. no de 3, de 0,35 p.p. no de 4 e de 0,40 p.p. no de 5 anos.

Taxa Real de Juros *ex-ante* (a.a.)

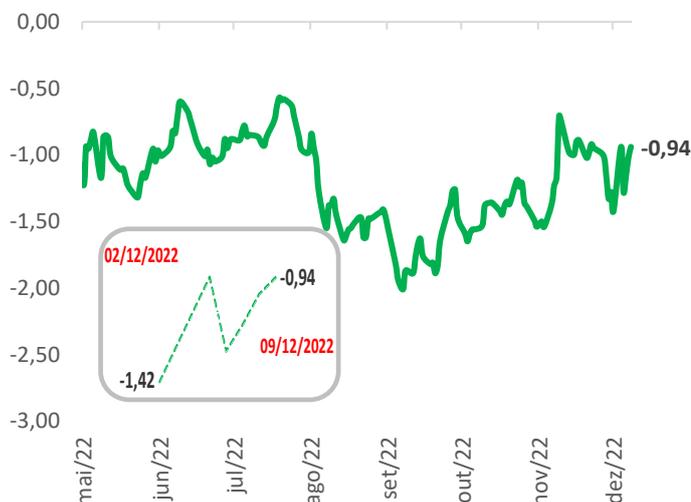


Como a diminuição de - 0,01 p.p. na semana para 13,85% a.a. da taxa do *swap* DI prefixado de 360 dias não foi capaz de superar o efeito da queda de -0,05 p.p. na inflação esperada para os próximos 12 meses, a taxa real de juros *ex-ante* subiu 0,04 p.p. para 8,19% a.a..

Por fim, a medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, registrou alta de 0,48 p.p. na semana para -0,94 p.p.. Em linha, o diferencial entre as taxas pré dos títulos públicos negociados na Anbima subiu 0,55 p.p. no mesmo período, encerrando em -0,69 p.p..

Spread da Taxa de Juros

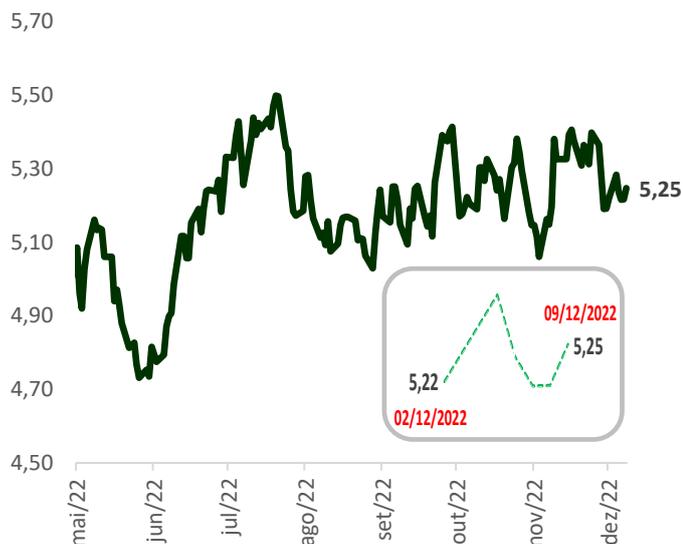
Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Fonte: B3/Anbima. Elaboração ABBC

Câmbio

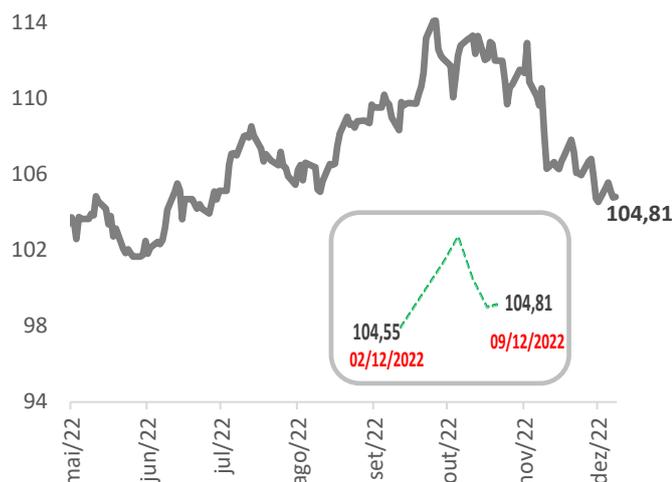
Real/US\$



O dólar encerrou a semana com apreciação no mercado global, com a intensificação dos temores de uma possível recessão nos EUA. Com isso, o *Dollar Index*, que mede o desempenho desta divisa em relação às dos países desenvolvidos, subiu 0,25% na semana, respondendo à depreciação de 0,17% na libra esterlina e à apreciação de 0,05% no euro.

Em linha, o índice que calcula a variação de uma cesta de moeda dos países emergentes frente ao dólar exibiu uma queda de -0,17% no mesmo período, com destaques para as depreciações de 1,88% no peso mexicano, de 1,07% no peso argentino e de 0,06% na lira turca.

Dollar Index



Em consonância com seus pares, o real perdeu força na semana, também com influência da volatilidade causada pelas incertezas fiscais, de forma que o dólar encerrou a semana cotado a R\$ 5,25, o que representou uma depreciação de 0,53% no período. Com isso, o Banco Central atuou no mercado cambial com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 02/01/2023 e com a venda conjugada com a compra de moeda estrangeira no mercado interbancário de câmbio, na modalidade pós-fixado Selic, no total de US\$ 3,0 bilhões.

Índice de Emergentes*



*Cesta de Moedas:

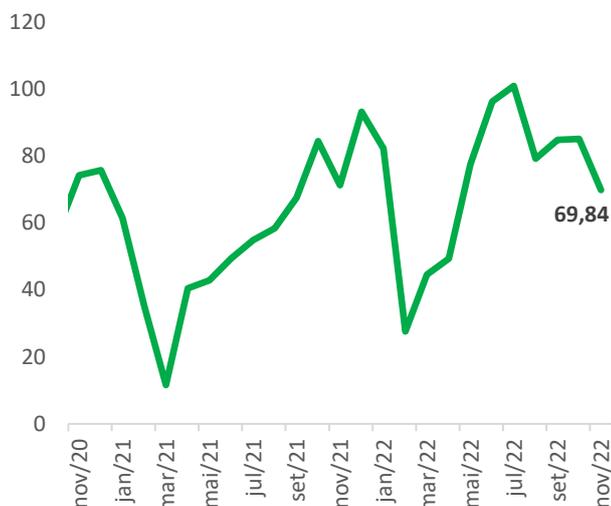
Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

Atividade Global - Nov/22

China – Saldo Comercial

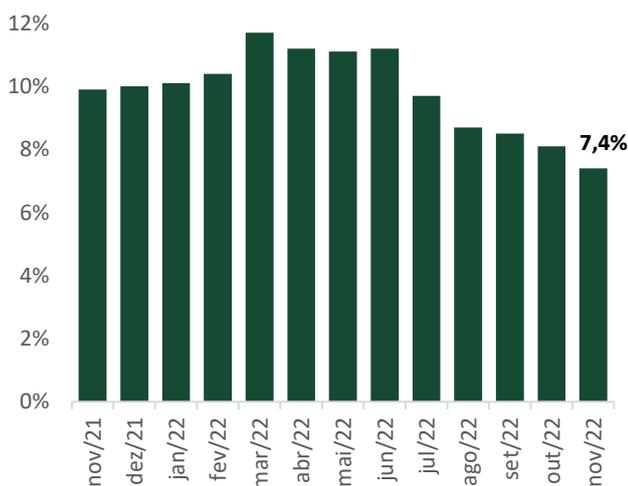
US\$ Bilhões



As preocupações com um ciclo de aperto monetário mais longo e duradouro do que o esperado nos EUA e na Europa e com a desaceleração da economia global marcou a semana. Na China, os indicadores seguiram apontando para a desaceleração da atividade. O saldo da balança comercial desacelerou em novembro para US\$ 69,84 bilhões, menos do que os US\$ 85,15 bilhões registrados em out/22, com desempenhos ruins tanto nas exportações (-8,7% a.a.) quanto nas importações (-10,6% a.a.). A inflação ao consumidor arrefeceu saindo de 2,1% a.a. em out/22 para 1,6% em novembro. Reforçando o cenário negativo, o índice de gerentes de compras (PMI) de Caixin do setor de Serviços recuou de 48,4 pts. para 46,7 pts., abaixo das expectativas de 48,0 pts..

EUA – Inflação ao Produtor (PPI)

Varição anual



Nos EUA, destaque para a inflação ao produtor (PPI), que subiu 0,3% em novembro, desacelerando de 8,1% em out/22 para 7,4% a.a. Com a redução da demanda, por causa da persistência da pressão inflacionária, e ainda afetada pelas altas nos combustíveis e alimentos e pelos juros elevados, o índice PMI de Serviços da S&P Global registrou nova queda ao passar de 47,8 pts. em out/22 para 46,2 pts. em novembro. Já a prévia da confiança do consumidor medida pela Universidade de Michigan subiu de 56,8 pts. em nov/22 para 59,1 pts. em dezembro.

Zona do Euro – Vendas no Varejo

Varição mensal



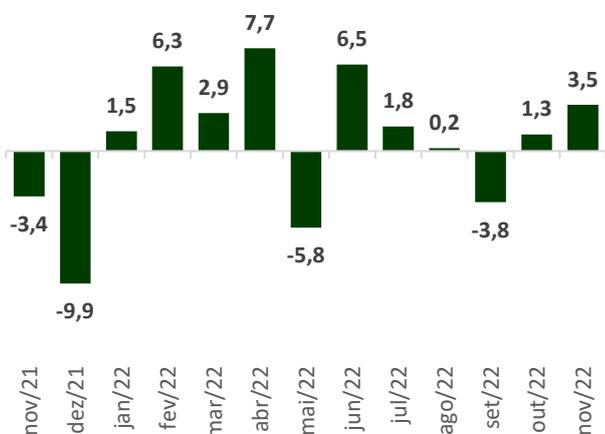
Na Zona do Euro, as vendas no varejo retraíram-se -1,8% em out/22 em relação ao mês anterior, acumulando uma contração de -2,7% a.a.. O resultado mensal ficou abaixo da redução esperada de -1,7% em um sinal de enfraquecimento da demanda do consumidor que pode anunciar o começo da esperada recessão técnica. Já o índice PMI dos serviços caiu ligeiramente de 48,6 pts. em out/22 para 48,5 pts., se mantendo abaixo do nível neutro (50 pts.).

Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Movimento do Câmbio - Nov/22

Fluxo Cambial Mensal

Em US\$ Bilhões



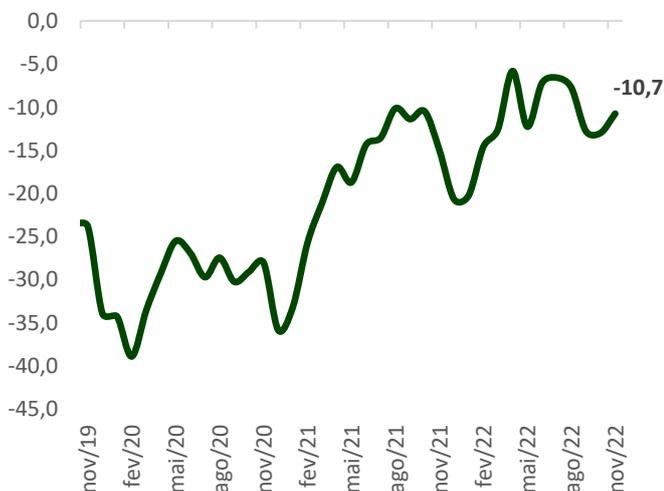
Saldo Acumulado em 12 meses

Em US\$ Bilhões



Posição de Câmbio dos Bancos

Em US\$ bilhões



Após uma entrada de US\$ 1,3 bilhão em out/22, o fluxo cambial em novembro registrou ingresso líquido de US\$ 3,5 bilhões. No ano, o saldo acumulado foi de US\$ 22,0 bilhões, decorrentes de US\$ 34,7 bilhões de aportes na conta comercial e de US\$ -12,7 bilhões em retiradas no canal financeiro. O saldo contabilizado em 12 meses variou de US\$ 5,2 bilhões em out/22 para US\$ 12,1 bilhões.

Em novembro, o saldo da conta comercial foi composto por US\$ 20,8 bilhões de exportações e US\$ -20,5 bilhões de importações, resultando na entrada líquida de US\$ 337 milhões. Nas exportações incluíram-se US\$ 2,1 bilhões em Adiantamento de Contrato de Câmbio (ACC), US\$ 4,3 bilhões em Pagamento Antecipado (PA) e US\$ 14,4 bilhões em outras entradas. Em elevação, a entrada de recursos acumulada em 12 meses no comércio ficou em US\$ 34,1 bilhões (US\$ 9,8 bilhões em dez/21).

Dando sequência ao movimento iniciado em out/22, o canal financeiro – que reúne os investimentos estrangeiros diretos e em carteira, remessas de lucro e pagamento de juros, entre outras operações – apresentou um maior número de compras do que de vendas (US\$ 49,6 bilhões e US\$ 46,4 bilhões, respectivamente), terminando o mês com um saldo positivo de US\$ 3,1 bilhões. Em 12 meses, o déficit acumulado saiu de US\$ - 3,7 bilhões em dez/21 para US\$ -21,9 bilhões.

Ainda no mês, os bancos reduziram suas posições de câmbio vendidas no mercado à vista, passando de US\$ 13,0 bilhões em out/22 para US\$ 10,7 bilhões.

Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Copom - Dez/22

Cenário Básico Projeções de Inflação do Copom			
	2022	2023	2024
	Cenário de Referência		
Câmbio R\$/US\$ *	R\$ 5,25	R\$ 5,25	R\$ 5,25
Selic %	13,75%	11,75%	8,50%
Preços Administrados	-3,60%	9,10%	4,20%
Inflação**	6,00%	5,00%	3,00%
Bandeira Tarifária***	Verde	Amarela	Amarela

* Ajuste pela paridade do poder de compra (PPC)

** Adota-se a premissa na qual o preço do petróleo segue aproximadamente a curva futura pelos próximos 6 meses, passando a aumentar 2% a.a. posteriormente

*** Em dezembro

Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Sem que o balanço de riscos para a inflação apresentasse alteração significativa que justificasse uma mudança de rumo da política monetária, o Copom optou por manter a Selic em 13,75% a.a.. Esta estratégia deverá ser sustentada por período suficientemente prolongado até que se possa assegurar a convergência da inflação às metas e a ancoragem das expectativas.

O ambiente internacional está repleto de incertezas e volatilidade, impactando dessa forma as condições financeiras. Ademais, as perspectivas são de crescimento abaixo do potencial e o cenário de inflação continua pressionado. O ciclo de aperto monetário em alguns países avançados e a maior sensibilidade por fundamentos fiscais requererem uma maior atenção nos mercados emergentes.

O Copom ponderou que continuará atento à trajetória das expectativas e da inflação corrente que se encontram em patamar ainda elevado, embora se observe algum alívio em itens voláteis e afetados pelas medidas tributárias. Do lado da atividade, destacou que o resultado do PIB do 3T22, assim como outros indicadores recentes de atividade, sinalizam uma desaceleração no ritmo de crescimento.

No cenário de referência, a trajetória para a taxa de juros foi extraída da pesquisa Focus, a taxa de câmbio partindo de USD/BRL 5,25 e evoluindo segundo a paridade do poder de compra (PPC) e com o preço do petróleo acompanhando de perto a curva futura pelos próximos 6 meses, aumentando posteriormente em 2,0% a.a.. Ainda como premissa,

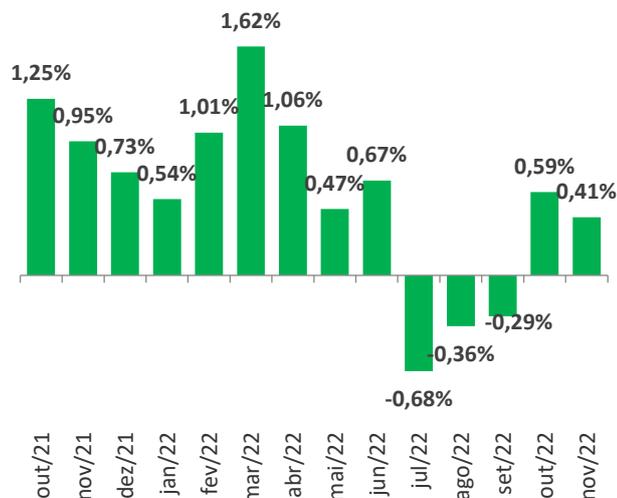
adotou-se a hipótese de bandeira tarifária "verde" em dez/22 e amarela em dezembro de 2023 e 2024. Assim, as projeções do Copom situaram-se em 6,0% para 2022, 5,0% para 2023 e 3,0% para 2024, números mais elevados aos apresentados no encontro anterior (5,8% para 2022, 4,8% para 2023 e 2,9% para 2024). As projeções para a inflação de preços administrados eram de -3,6% para 2022, 9,1% para 2023 e 4,2% para 2024. Considerando os 6 trimestres à frente como horizonte relevante para a política monetária, mais especificadamente o 2T24, a projeção de inflação acumulada em 12 meses seria de 3,3%, nível próximo à meta.

Persistem fatores de riscos em ambas as direções. Dentre os de baixa, o Copom voltou a assinalar a queda adicional dos preços das *commodities* internacionais em reais, a desaceleração mais acentuada da atividade global e a manutenção dos cortes de impostos em 2023. Já como de alta, enumerou a persistência das pressões inflacionárias globais, a não previsibilidade do arcabouço fiscal e dos estímulos que tenham impacto na demanda agregada, parcialmente incorporados nas expectativas de inflação e nos preços de ativos e o estreitamento do hiato do produto em relação ao utilizado em seu cenário, particularmente no mercado de trabalho.

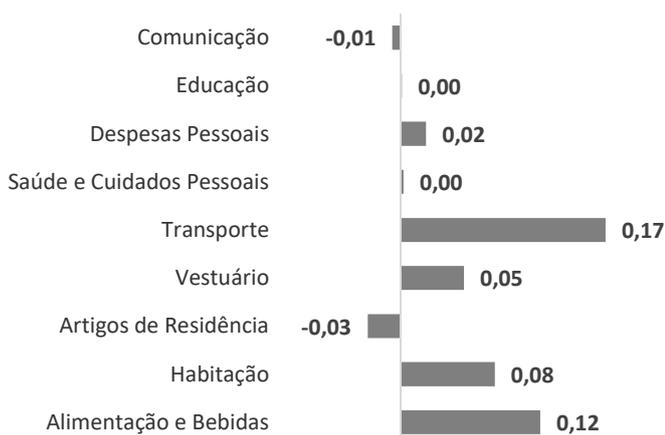
No que tange aos desenvolvimentos futuros da política fiscal, o Copom ratificou que estará atento a seus efeitos nos preços de ativos e expectativas de inflação, com potenciais impactos sobre a dinâmica da inflação prospectiva. Por fim, enfatizou que a política monetária poderá ser ajustada, sem hesitar em retomar o ciclo de ajuste caso o processo de desinflação não transcorra como o esperado.

IPCA - Nov/22

Variação Mensal



Contribuição Mensal Por grupo – em p.p.



Evolução Anual



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

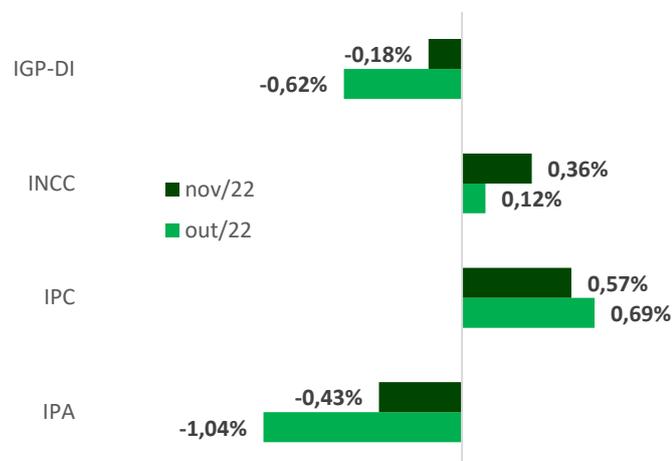
Arrefecendo em relação à alta de 0,59% em out/22 e abaixo das expectativas de um aumento de 0,54%, o IPCA avançou 0,41% em novembro. Na margem, a inflação foi puxada pelo aumento nos preços dos combustíveis e dos alimentos. A taxa acumulada em 12 meses desacelerou de 6,47% a.a. em out/22 para 5,90% a.a.. O índice acumulado no ano foi 5,13%, sendo necessária uma inflação menor ou igual a 0,37% para que não se estoure o teto da meta.

Houve aumento mensal em 7 dos 9 grupos pesquisados. Com a aceleração na alta de 0,58% em out/22 para 0,83%, o maior destaque ficou com o grupo Transportes que contribuiu com 0,17 p.p. na variação total. Observou-se um aumento de 3,29% nos preços dos combustíveis (-1,27% em out/22), de forma segregada, sendo 7,57% no etanol, 2,99% na gasolina e -0,11% no óleo diesel. Exceção ao gás veicular que caiu -1,77%. Ainda, os preços das passagens aéreas recuaram em -9,8% no mês ante as altas de 8,22% em set/22 e 27,38% em out/22. A inflação no grupo Alimentação e Bebidas desacelerou de 0,72% em out/22 para 0,53% em novembro, contribuindo com 0,12 p.p. no IPCA e sendo impulsionada pela alta de 0,58% na alimentação no domicílio. Destaque para as altas da Cebola (23,02%) e do tomate (15,71%), cujos preços já haviam subido respectivamente 9,31% e 17,63% em out/22. Houve ainda avanço nos preços das frutas (2,91%) e do arroz (1,46%). A rubrica Habitação impactou em 0,08 p.p. no índice total, avançando de 0,34% em out/22 para 0,51%. O aumento do aluguel residencial foi de 0,80% (0,40% em out/22) e o da energia elétrica de 0,56% (0,30% em out/22). Em contrapartida, os artigos de residência registram deflação de -0,68% no mês (0,39% em out/22), contribuindo negativamente com -0,03 p.p. no IPCA.

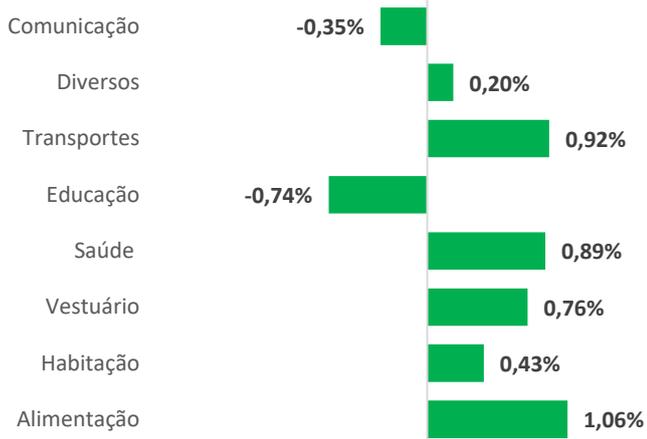
O índice de difusão recuou de 67,9% em out/22 para 58,6% (78,2% em abr/22). A média móvel trimestral dessazonalizada e anualizada (MM3DA) dos 5 núcleos acompanhados pelo Banco Central saiu de 6,7% a.a. em out/22 para 5,1% a.a.. Ainda que com arrefecimento, a MM3DA dos preços administrados passou de -12,3% a.a. em out/22 para -3,0% a.a., enquanto os livres foram de 3,7% a.a. para 2,0% a.a.. A despeito da melhoria, os componentes mais sensíveis ao ciclo econômico e à política monetária ainda exibem uma trajetória incompatível com o cumprimento das metas. Na margem, a medida de inflação subjacente de serviços acelerou de 9,19% a.a. para 9,27% a.a. e a de bens industriais de 14,10% a.a. para 14,13% a.a.. O movimento positivo adveio na alimentação no domicílio de 15,40% a.a. para 14,61% a.a..

IGP-DI - Nov/22

Varição Mensal Por grupo



IPC- Variação Mensal Por componente



Evolução Anual



Pelo 5º mês consecutivo, o Índice Geral de preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI) registrou deflação. Menos intensa do que a variação de -0,62% em out/22, a queda em novembro foi de -0,18%. Assim, a inflação acumulada no ano reduziu-se de 4,89% para 4,71%. Contudo em 12 meses, houve aceleração de 5,59% a.a. para 6,02% a.a. (17,16% a.a. em nov/21).

O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) acumulou uma alta de 4,37% no ano e de 5,97% em 12 meses (19,61% a.a. em nov/21). Com recuo menos intenso nos preços do minério de ferro e avanço no da soja, o IPA retraiu-se em -0,43% no mês ante uma queda de -1,04% em out/22. Na decomposição dos estágios de processamento, os bens finais acentuaram a alta de 0,25% em out/22 para 0,38%, impactados pelos preços dos alimentos processados (de -0,23% para 0,37%). Suavizando o movimento de baixa, os bens intermediários variaram de -0,53% para -0,48%, impulsionados pelo subgrupo de combustíveis e lubrificantes para a produção (de -1,56% para 0,20%). Por fim, as matérias-primas brutas reduziram a queda em sua taxa de variação ao oscilar de -2,79% para -1,15%, com as contribuições do minério de ferro (de -5,01% para -1,17%), da soja em grão (de -0,51% para 1,29%) e do algodão em caroço (de -12,25% para -1,62%). Em sentido contrário, o café em grão (de -10,37% para -16,66%), a mandioca (de 7,71% para 4,82%) e o milho em grão (de 0,13% para -0,89%) recuaram.

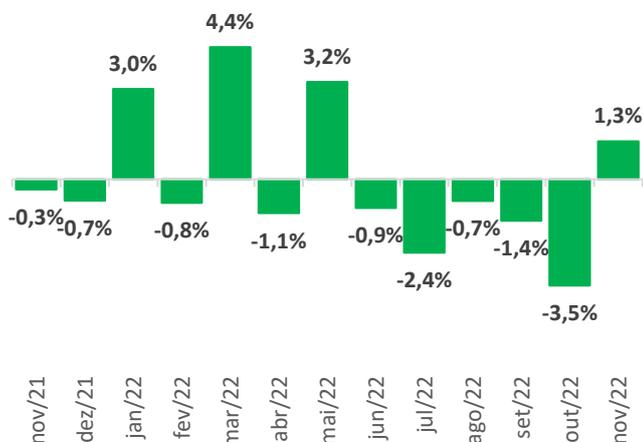
O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) acumulou uma alta de 3,92% no ano e de 4,52% em 12 meses (9,89% a.a. em nov/21). Beneficiada pelo recuo nos preços das passagens aéreas, a alta mensal do IPC desacelerou de 0,69% em out/22 para 0,57%. 2 de seus 8 componentes registraram decréscimo em suas taxas de variação: Educação, Leitura e Recreação (de 3,07% para -0,74%) e Habitação (de 0,58% para 0,43%). Por sua vez, os grupos Transportes (de -0,19% para 0,92%) por conta da aceleração nos preços da gasolina (de -1,44% para 2,28%) e o de Alimentação (de 0,74% para 1,06%) puxado pelas hortaliças e legumes (de 8,56% para 11,45%) tiveram acréscimos em suas taxas.

Finalizando, o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) variou em 0,36% no mês (0,12% em out/22) respondendo aos avanços nos preços da mão de obra (de 0,27% para 0,59%) e materiais e equipamentos (-0,09% para 0,15%). Enquanto os preços dos serviços arrefeceram de 0,36% para 0,10%. No ano, o INCC acumulou uma alta de 9,18% e de 9,56% em 12 meses (14,25% a.a. em nov/21).

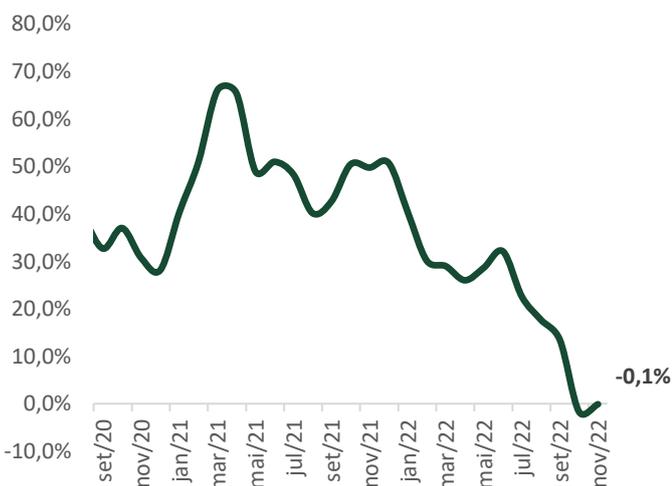
Fonte: FGV. Elaboração ABBC

IC-Br - Nov/22

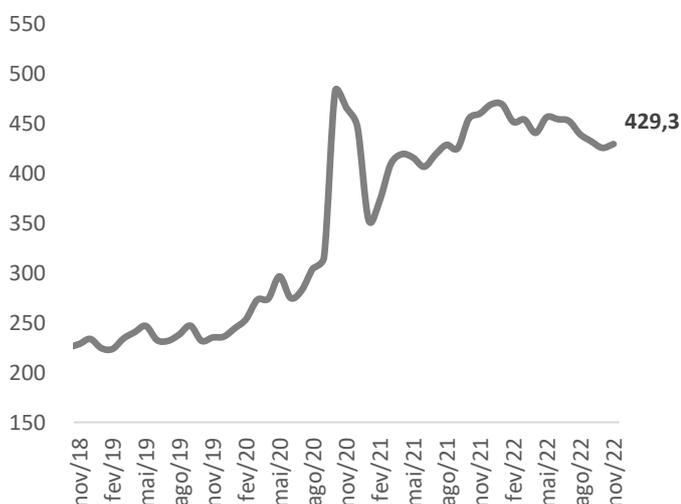
Índice Composto Variação Mensal



Índice Composto Variação em 12 meses



Índice CRB (pts.)*



Em consonância com o indicador internacional de *commodities* CRB que subiu 0,9% na margem, para 429,28 pts., o IC-Br do Banco Central que acompanha os preços das *commodities* em reais voltou a subir, interrompendo uma sequência de 5 quedas consecutivas. A alta de 1,3% na margem foi impulsionada pelo aumento de 6,1% do componente metal (alumínio, minério de ferro, cobre, estanho, zinco, chumbo e níquel). As *commodities* agropecuárias (carne de boi, óleo de soja, trigo, açúcar, milho, café, arroz e carne de porco) também subiram 2,0%, enquanto o segmento de energia caiu -3,4%, impactado fundamentalmente pelas cotações do petróleo e o gás.

No trimestre, o índice composto acumulou uma queda de -3,7%, impactada principalmente pelo comportamento das *commodities* energéticas (-16,7%), e em menor medida, das metálicas (-3,7%). Por sua vez, as agrícolas avançaram 2,6% no mesmo período. No ano, o indicador composto acumulou uma alta de 0,6%.

Em desaceleração desde jul/22, o índice composto recuou -0,1% a.a. em novembro, após uma queda de -1,6% a.a. em out/22 e de 49,7% a.a. em nov/21. O movimento reflete as desvalorizações de -24,6% a.a. nas *commodities* metálicas e de -0,9% a.a. nas agropecuárias, enquanto as energéticas subiram 26,5% a.a..

Por fim, com os temores de recessão global, o CRB que é medido em US\$ retraiu-se em -6,7% em 12 meses, -8,5% no ano e -2,2% no trimestre.

Fonte: BCB. Elaboração ABBC

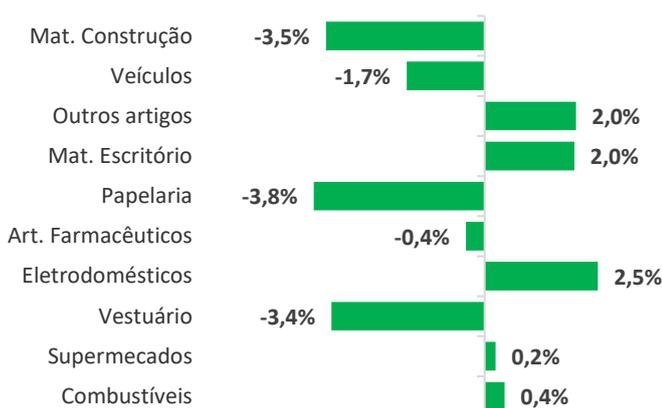
*Índice de preços de commodities, baseado no mercado à vista, calculado pelo Commodity Research Bureau

Pesquisa Mensal do Comércio - Out/22

Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação Mensal Abertura – com ajuste sazonal

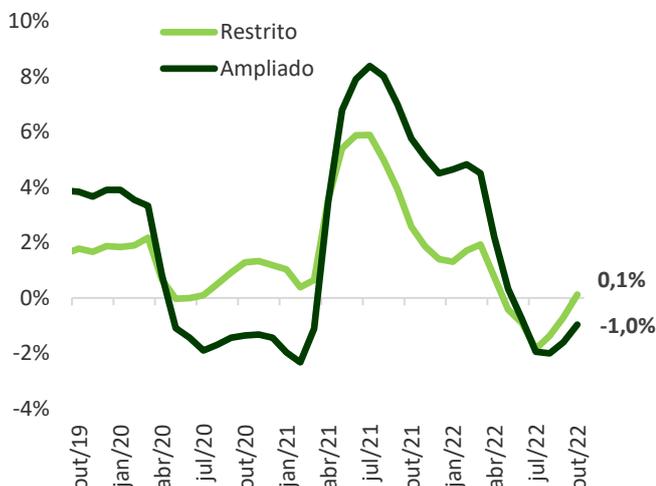


A recuperação do mercado de trabalho e a implementação dos programas de transferências de renda continuaram a favorecer o desempenho do setor de varejo. Em outubro, as vendas do varejo restrito registraram uma alta de 0,4% na margem ante 1,2% em set/22, na série livre de influências sazonais. Na decomposição, observaram-se as altas de 2,5% em eletrodomésticos, de 2,0% em materiais de escritório e outros artigos, de 0,4% em combustíveis e de 0,2% em supermercados. Por outro lado, na mesma base comparativa, verificaram-se retrações de -3,8% em papelaria, de -3,4% em vestuários e de -0,4% em artigos farmacêuticos. Contemplando as quedas na margem de -3,5% em materiais de construção e de -1,7% em veículos, o indicador do varejo ampliado subiu 0,5% na margem após uma alta de 1,5% em set/22.

Em outubro, a variação anual das vendas acumuladas em 12 meses do varejo restrito voltou a figurar em campo positivo, ao alcançar uma elevação de 0,1% ante uma queda de -0,7% a.a. em set/22 (2,63% em out/21). Na mesma base de comparação, a série do varejo ampliado permaneceu em campo negativo, com queda de -1,0% a.a. contra uma retração de -1,6% a.a. no mês anterior (5,8% em out/21).

Evolução Anual

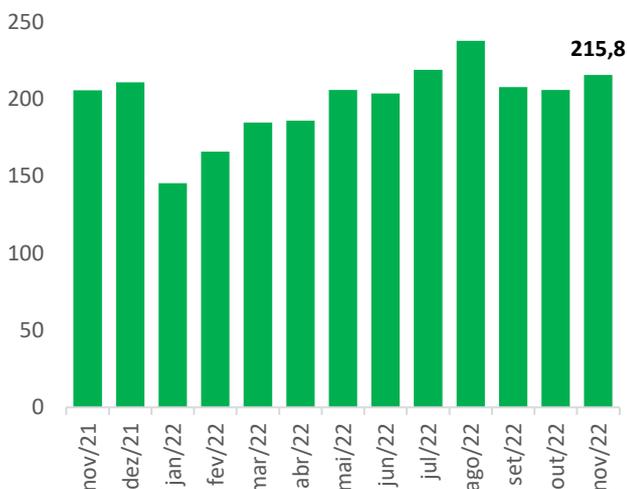
Volume de vendas acumuladas em 12 meses



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

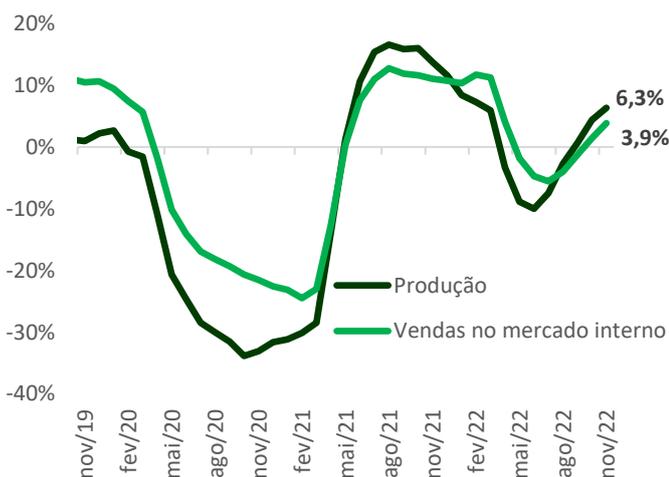
Veículos - Nov/22

Produção Mensal Em unidades



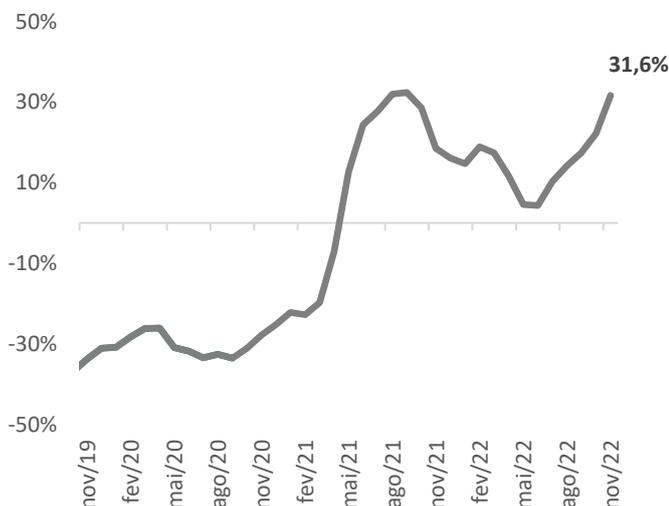
De acordo com a ANFAVEA, foram produzidas em novembro 215,7 mil unidades de autoveículos ante 206,0 mil em out/22 e 205,7 mil em nov/21. Com isso, a produção mensal manteve-se acima da barreira de 200 mil unidades pelo 7º mês consecutivo. No mês, a produção de veículos comerciais leves subiu 30,5% na margem para 29,6 mil unidades, enquanto a dos automóveis cresceu 2,1% para 168,1 mil unidades. Por outro lado, na mesma base comparativa, observaram-se reduções de -3,0% para 15,1 mil unidades de caminhões e de -5,0% para 3,0 mil unidades de ônibus.

Variação Anual Acumulado em 12 meses



Com o resultado de novembro, a produção de autoveículos registrou crescimento de 6,9% no ano (2,2 milhões de unidades) e a variação anual da produção acumulada em 12 meses acelerou seu ritmo de expansão de 4,4% a.a. em out/22 para 6,3% a.a. em novembro (13,7% em nov/21). Os dados trazem um otimismo no que se refere ao comportamento do setor industrial, com a redução das restrições de semicondutores. A expectativa mais favorável acompanha o cenário favorável para o varejo com a recuperação do mercado de trabalho e da renda real.

Exportações - Evolução Anual Acumuladas em 12 meses

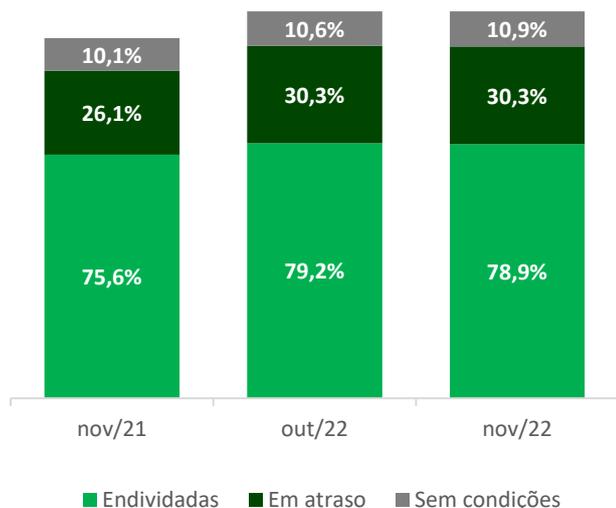


As exportações têm contribuição importante para o setor. No mês, a variação anual das exportações acumuladas em 12 meses saiu de 22,3% a.a. em out/22 para 31,6% a.a. (18,5% a.a. em nov/21). Pelo 2º mês consecutivo, o México superou a Argentina como principal destino das vendas. Contudo, no acumulado do ano, a Argentina teve a maior participação (29%), seguida pelo México (18%) e Colômbia (16%).

Ainda em novembro, as vendas de veículos novos no mercado interno, segundo os dados da FENABRAVE, totalizaram 333,4 mil unidades após 307,5 mil unidades vendidas em out/22. Além da recuperação do varejo, destacam-se no mês as vendas para locadoras, que estão recompondo a idade média de suas frotas. Com isso, as vendas de novos veículos acumularam alta de 5,0% no ano. Na comparação anual, as vendas acumuladas em 12 meses aceleraram de 1,4% a.a. em out/22 para 3,9% a.a. (11,0% a.a. em nov/21). O resultado deve trazer um impacto positivo na dinâmica do varejo ampliado em novembro.

Fonte: ANFAVEA/FENABRAVE. Elaboração ABBC

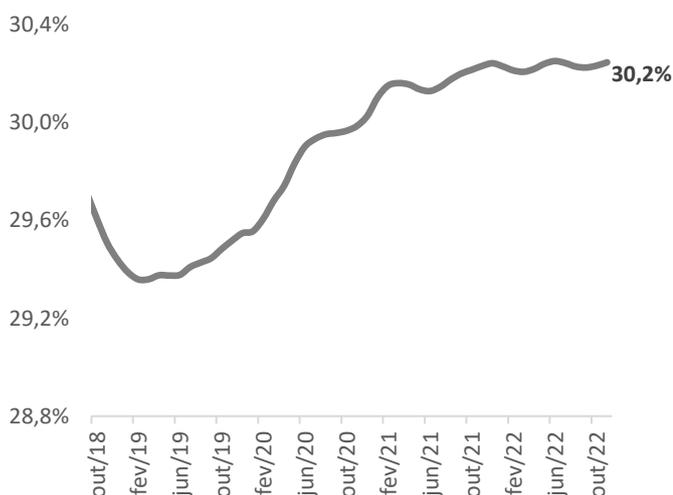
PEIC - Nov/22



Realizada pela CNC, a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) apontou em novembro uma redução de -0,3 p.p. no percentual de famílias que se acham endividadas para 78,9% (75,6% em nov/21). Contudo, o indicador ainda permanece próximo à máxima histórica de 79,3% em set/22.

Mesmo com a recuperação da atividade econômica e do emprego e as políticas de transferências de renda, o percentual sem condições de pagar suas dívidas acumulou alta de 0,2 p.p. no mês para 10,9% e de 0,8 p.p. em 12 meses. Com estabilidade na margem, a parcela de famílias com conta em atraso ficou em 30,3% contra 26,1% em nov/21. Em linha com o aperto das condições financeiras, a proporção das famílias que se considera muito endividada alcançou 17,5%, o que representou alta de 0,2 p.p. na margem e de 2,7 p.p. em 12 meses.

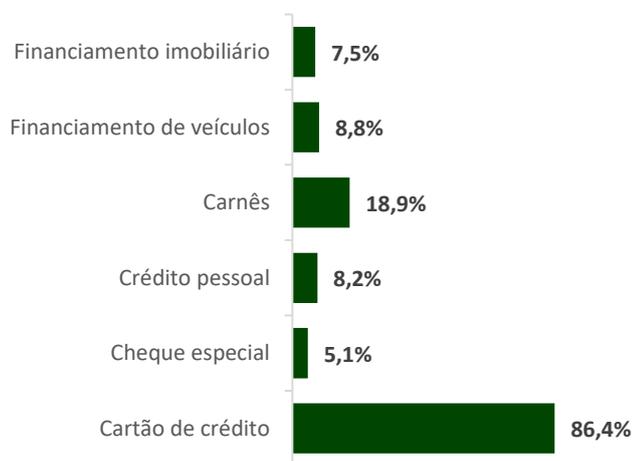
Parcela da Renda Comprometida (MM12M)



A despeito da recuperação da renda real do trabalho e do arrefecimento da inflação corrente, a média móvel de 12 meses (MM12M) da parcela da renda comprometida com a dívida permaneceu pela 5ª vez consecutiva em 30,2%, o mesmo patamar de nov/21.

Chama a atenção o crescimento anual de 0,8 p.p. para 21,6% do total dos endividados com mais da metade da renda comprometida com o pagamento de dívidas. Ainda no mês, a MM12M do tempo médio de comprometimento com a dívida – dentre os endividados – mantém trajetória cadente, encerrando em 7,1 meses. Por sua vez, a MM12M do tempo médio de pagamento em atraso das famílias com contas em atraso permaneceu em 61,8 meses, pelo 8º mês seguido.

Tipo de Dívida (% do total)

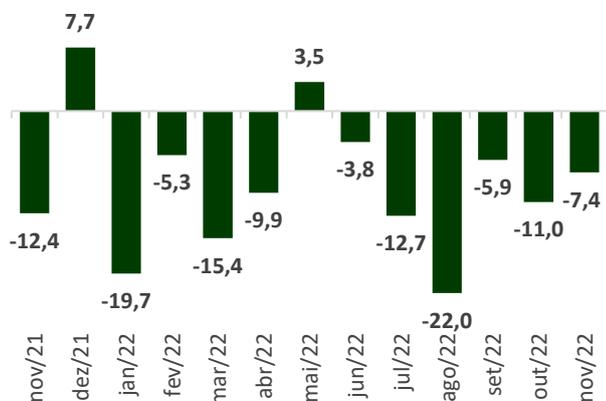


Por fim, a dívida com o cartão de crédito continuou como a mais representativa com 86,4% do total, o que representou elevações de 0,3 p.p. na margem e de 1,2 p.p. em 12 meses. No mês, destaques para as quedas de -0,7 p.p. na participação dos carnês para 18,9% (20,9% em nov/21) e de -0,6 p.p. na de financiamento imobiliário para 7,5% (9,9% em nov/21).

Fonte: CNC. Elaboração ABBC

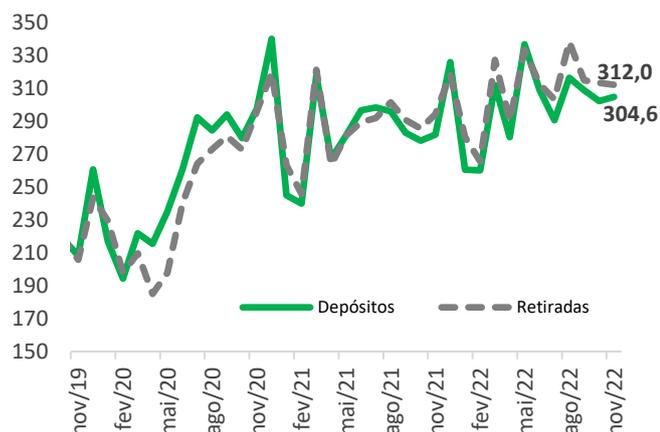
Poupança - Nov/22

Captação Líquida (SBPE + Rural – R\$ Bilhões)



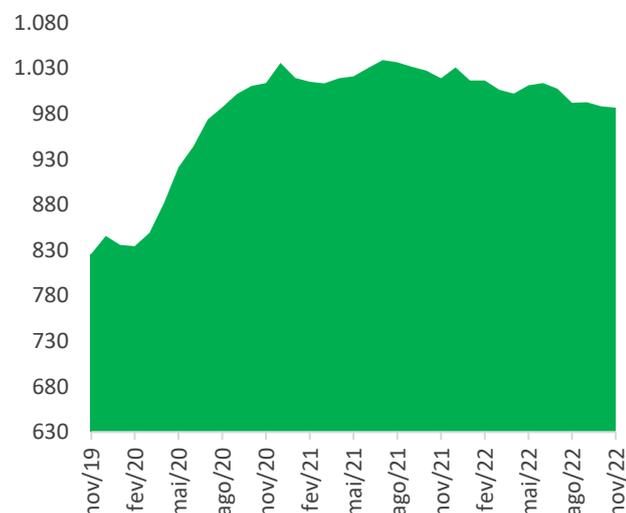
Após uma saída de R\$ -11,0 bilhões em out/22, houve um saque líquido dos recursos da caderneta de poupança de R\$ -7,4 bilhões em novembro, o que representou a 2ª maior retirada para os meses de novembro desde o início da série em 1995. O movimento adveio de um total de R\$ 304,6 bilhões em depósitos e R\$ 312,0 bilhões em retiradas. No período, os recursos da caderneta aplicados em crédito imobiliário (SBPE) registraram um saque líquido de R\$ -4,4 bilhões, enquanto no crédito rural (SBPR) houve a saída de R\$ -3,1 bilhões. Adiciona-se ao saldo o rendimento de R\$ 6,2 bilhões creditados no mês.

Evolução (SBPE + Rural – R\$ Bilhões)



No ano, a poupança acumulou uma saída líquida de R\$ -109,5 bilhões, apresentando captação líquida positiva somente em maio (R\$ 3,5 bilhões). O montante total da poupança encerrou novembro em R\$ 986,5 bilhões, configurando quedas de -0,1% na margem e de -3,2% a.a.. O movimento ocorre em um cenário de inflação e juros elevados e o avanço no endividamento das famílias, limitando a capacidade de consumo da população. Observa-se ainda a migração dos recursos para outros ativos de renda fixa mais atrativos. Pela regra atual, a caderneta rende 6,17% a.a. + TR.

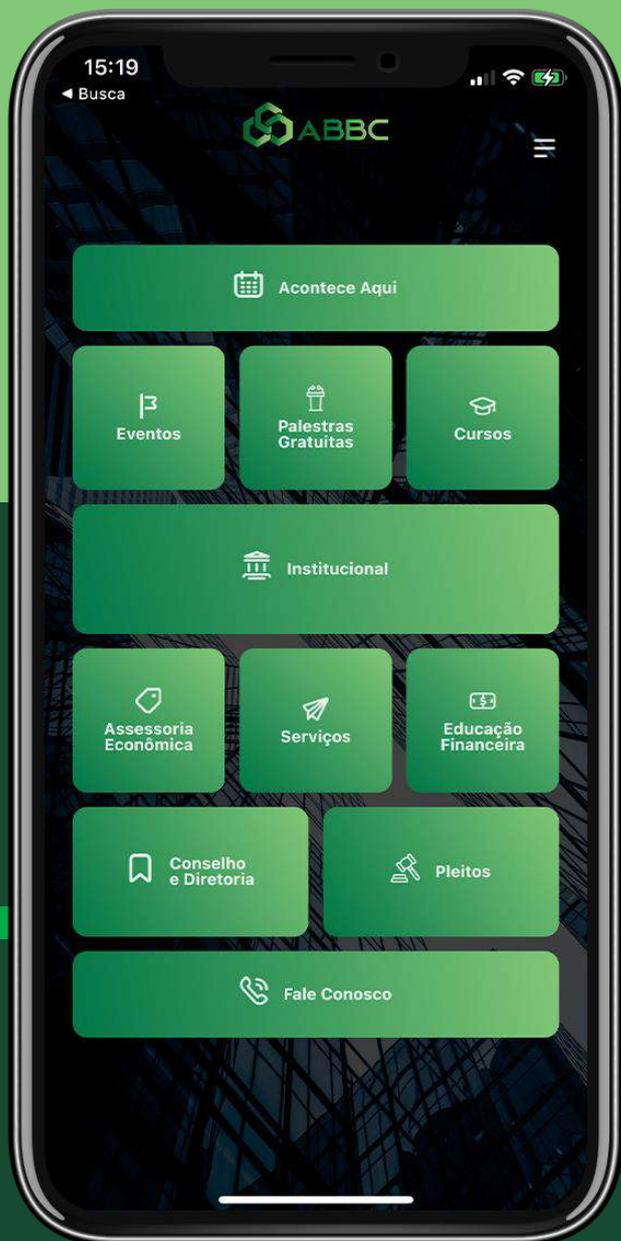
Saldo (SBPE + Rural – R\$ Bilhões)



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
Atividade, Inflação e Juros					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	2,9	0,7
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	15,1	8,4
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	8,3	9,1
IPCA (% a/a fim de período)	4,3	4,5	10,1	5,8	5,1
IGP-M (% a/a fim de período)	7,3	23,1	17,8	5,4	4,5
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75
Setor Externo e Câmbio					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	55,0	60,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-46,0	-44,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	80,0	75,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,25	5,25
Fiscal					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-0,9
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-5,5	-8,7
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	58,0	61,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	77,0	80,0



Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO
Google Play



Disponível na
App Store



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688